

Macau — Porto Interior

## MACAU

### PORTO INTERIOR

Ahi fica estampada a vista da parte occidental da cidade de Macau, e o seu ancoradoiro ou porto interior, formado pelas aguas de um braço do grande rio de Cantão. É aqui o centro commercial da cidade, como a parte oriental, que estampámos a pag. 345 d'este volume, se póde chamar o centro official administrativo, mais propriamente cidadão. Estamos a contemplal-o das alturas da Penha. Ao longe, á direita, na altura em que se divisa um confuso arvoredo, é a quinta da Gruta de Camões [1], propriedade do commendador Lourenço Marques. As montanhas que se elevam no fundo, á continuação da peninsula em que Macau assenta, são da comarca de Anção ou Hiamxan, da ilha Ngão-men, a maior das que povôam o grande golpho em que desagua o rio Cantão. É ahi, sobre a esquerda, que está situada a povoação chim da Casa Branca. A primeira praia á esquerda (passando a fortaleza e pagode da barra, que ficam áquem do que descobrimos) é a chamada Manduco. Segue-se-lhe a Praia Pequena, adjacente á qual está a povoação chim chamada do Bazar, quasi na sua totalidade reconstruida por um plano regular, depois do grande incendio que, em 1856, lhe devorou umas mil casas grandes e pequenas. Segue-se-lhe a praia do Terrafeiro, que é a ultima, na baixa ao poente da quinta da Gruta de Camões. A pequena ilha, que a pouca distancia se vê no meio do rio, é a ilha Verde, até 1762 propriedade dos jesuitas, de então até 1828 de particulares, e desde 1828 do collegio de S. José de Macau, hoje seminario diocesano. A parte de outra ilha, que apparece á esquerda da estampa, demarcando o ancoradoiro por este lado, é a ilha que antigamente chamámos dos Padres, pelas estancias que os das ordens religiosas ahi tiveram, fronteiras á cidade; ilha a que agora chamâmos da Lapa, e os chins Toi-min-shan, em vulgar Panthera. Na praia que d'ella avistâmos, e na sua continuação para a barra, tivemos até principio do seculo XVIII as estancias da Lapa, da Ribeirinha e da Ribeira Grande; e ao sair da barra as da ilha do Bugio e de Oitem.

A historia de cada parte d'este territorio, que nos pertenceu ou pertence, interessando particularmente aos portuguezes, póde ainda assim ser para todos fonte de grandes e aproveitaveis lições. Reservâmol-a para artigo especial.

JOSÉ DE TORRES.

## UM EPISODIO DE TORRES VEDRAS

(Vid. pag. 370)

Pozemo-nos a caminho silenciosos. A commoção do soldado velho impressionára a todos tristemente; ninguem se atrevia a romper o silencio, e o proprio arrieiro limitava-se a cantarolar mansinho, puxando baforadas de fumo do cigarro que accendêra, e cujo lume brilhava nas trevas como uma estrellinha vermelha.

Que poema de amarguras, que elegia, que funebre aventura occultavam essas lagrimas do homem forte, do soldado endurecido? Qual seria o fogo do soffrimento que fundíra o bronze d'aquella alma de guerreiro, costumado a affrontar serenamente os perigos e a morte, tão serenamente como o bronze do rosto affrontava as intemperies das estações?

Embevecido n'esses pensamentos, e incitado por uma irresistivel curiosidade, depois de um quarto de hora de silencio, approximei-me do porta-machado, e perguntei-lhe para estreiar a palestra:

— Ha quanto tempo és soldado, Romão?

[1] Vid. pag. 17 do vol. I.

— Ha trinta annos, meu alferes, que vejo nascer o sol na ponta das bayonetas!

— Tens-te visto em bons assados, hein?

— Oh! meu alferes, a gente quando vem cá para a vida militar já sabe o que o espera. Portanto é ir sempre o homem de cara para diante, quer chovam balas, quer não chovam. É o que eu tenho feito.

— Por que te impressionou tanto ainda agora a historia que o arrieiro contou?

— Ora, meu alferes, como o outro que diz, é melhor não fallarmos n'isso. O que lá vae, lá vae.

E os labios tremiam-lhe convulsamente, e palpitavam-lhe as palpebras com as lagrimas reprezadas a procurarem irromper, como palpita o solo quando as lavas dos volcões, fervendo-lhe no intimo seio, ameaçam rasgar cratéras, e golphar em borbotões.

— Não luctes assim comtigo mesmo, Romão, disse-lhe eu commovido. Desabafa, soluça, geme, e depois conversa. As tristezas são como os rouxinoes, homem; encerrados na gaiola, morrem em silencio; mas se os deixam espairecer ao ar livre, e gorgeiar as suas mágoas, vivem alimentando-se com a sua propria melancolia.

Eu dissera estas ultimas palavras, voltando-me para Cunha Bellem, que confirmou com um gesto magestoso a verdade da minha comparação.

— Isso é assim, é, meu alferes, tornou o porta-machado, eu não o sabia dizer em palavras tão bonitas, mas sinto que tem razão. O chorar allivia-me, e quando conto o que me succedeu, tenho a modo que um consolo. Mas então que quer, meu alferes? um homem é um homem, e não gosta que os camaradas lhe chamem maricas.

— Não t'o chamarei eu, Romão. Vamos a ouvir.

— Então, já que vv. ss. querem, lá vae a historia.

### III

«Eu nasci no Porto, senhor, começou o Romão, e sou o mais velho de uma familia numerosa, que por ahi anda dispersa pelo mundo, uns a regarem com o seu suor as terras do Brasil, onde nunca poderam levantar cabeça, e minhas irmãs, umas a servir, coitadas, e outras que são agora casadas, e tem marido e filhos, a comerem o pão negro que o diabo amassou, e a rodearem de cuidados e de amor o berço dos filhinhos, que assim que lhes podem agradecer o que ellas fizeram por elles, e allivial-as um pouco na labutação da casa, abalam e vão ganhar a sua vida, porque isto de ser pobre, senhor, é a peior maldição que Deus póde deitar a uma creatura. Quem é pobre não tem familia, e casa que não tem pão na arca, é como ninho de andorinhas no inverno; bota os pequenos para fóra, assim que tem pennugem e podem bater as azitas; depois na primavera lá volta a mãe á beira do telhado a arranjar o berço para os novos passarinhos, mas os pequenos do inverno passado que é d'elles? Andam a tratar da sua vida, que assim faz quem não tem rendimentos.

«Ora pois, em casa de minha mãe era isto mesmo que succedia; muitas bocas e pouco que lhes dar de comer. Veiu a cholera de 32; caíram doentes com ella meu pae e minha mãe. Não lhe digo nada, ficámos a pedir por portas, porque o meu velhote lá foi para a eternidade. Deus lhe falle n'alma. Era um homem de brio. Moirejar, moirejava elle desde pela manhã até á noite, e se fazia cruzes na boca, ao menos a mulher e os filhos sempre tinham um pedaço de pão para comer. Morreu, como diz o outro, com a enxada na mão; porém Deus chamou-o para lhe pagar a féria, e nós ficámos ao desamparo. É verdade que eu tinha os meus quinze annos, braços robustos, e vontade de trabalhar. Mas de que servia tudo isso? Antes de morrer meu pae, e quando o exercito de D. Pedro entrou no Porto,

eu fôra um dos garotos que berraram mais, e sempre que via passar algum regimento, ahi largava eu o que tinha que fazer, e ia-me pôr na frente da musica a acertar o passo pelos tambores, e a fazer manejo de armas com a vassoura da cavallariça, porque eu era criado de cocheira de uma casa rica. Finalmente, quando os miguelistas cercaram a cidade, e que eu comecei a ouvir os tiros, subiu-me á cabeça o cheiro da polvora, deu-me na pancada, e sem mais tir-te nem guar-te, fui sentar praça de voluntario em caçadores 3. Minha mãe deu altos gritos quando me viu apparecer em casa fardado; mas meu pae encolheu os hombros e disse: «Que se lhe ha-de fazer? O rapaz andava com a cabeça a razão de juros, e em fim um homem é um homem. Se os da edade d'elle se deixassem ficar em casa, e não fossem combater pela liberdade, d'aqui a pouco entravam os miguelistas no Porto, armavam a forca nas praças, e renovava-se aquella triste epocha de 29. Eu tambem, em rapaz, saí ao meio da rua e vi uma bandeira, que não era o nosso velho estandarte, a tremular por ahi assim, e a cavallaria franceza a acutilar os desgraçados que fugiam pela ponte das barcas. Então cheirou-me aquillo a esturro, peguei n'uma foice roçadoira, que eu, para fallarmos a verdade, não tinha nem espingarda nem coisa que o valesse, saltei mais alguns amigos para as bandas de Vallongo, e, não é por me gabar, mas os soldados do Soult e do Maneta [1] viram bicho commigo; assim, mulher, deixa lá o rapaz, que os frangos gostam de jogar as cristas uns com os outros, e não de se irem pôr a chocar os ovos das gallinhas». E concluiu voltando-se para mim, e dizendo-me com alguma tremura na voz: «Deus te proteja, filho, e o anjo da guarda te livre das balas. Faze o teu dever, e trabalha por ser homem».

«Minha mãe chorou, chorou, e a final resignou-se. Pegou n'uma medalhinha benta da Virgem, que lhe fôra dada pelos missionarios, e pendurou-m'a ao peito, dizendo-me que lhe rezasse sempre um Padre-Nosso e uma Ave-Maria quando estivesse para entrar em combate. Nunca faltei a esse dever, digo-o sem vergonha, não porque eu tivesse medo, mas um homem é de carne e osso, e quando eu ouvia o *trá, teri terá, teri terá, teri terá* das cornetas a tocarem a fogo, pensava que podia muito bem não tornar a ver a minha velha, e affligia-me com essa idéa; mas, em rezando aquellas rezas, sentia-me mais alliviado, como se um anjo me tivesse tirado um peso de cima do coração. É isto que lhe eu digo, meu alferes».

O porta-machado parou um instante para tomar o folego, e para me deixar accender um charuto. O clarão passageiro e avermelhado da isca, que um soldado inflammou para me servir, illuminou rapidamente o rosto do apologista do José do Telhado. O maldito estava-se a rir. Leve-me Deus em conta o esforço que fiz sobre mim mesmo para não atirar a espada ao pescoço d'aquelle diabo!

«Ou fosse virtude da medalhinha, ou fosse porque assim tinha de ser, o que é verdade é que em todas as acções das linhas do Porto, a que assisti, de toda essa saraivada de balas que nos ceifavam as fileiras, nenhuma veiu com sobrescripto para mim. Dize lá tu o que quizeres, arrieiro de maldição, mas eu estou inteiramente convencido que foram as preces de minha santa mãe que me salvaram. Se Deus não ouvisse as orações das mães, a quem havia Elle de dar attenção? Rezas mais puras e mais desinteressadas não creio que as haja no mundo.

«Como ia dizendo, meu alferes, meu pae morreu, e a familia ficou sem ter que comer. Eu quanto podia apanhar levava a minha mãe; mas então o tempo era levadinho da bréca. Serviço pesado, porque a cidade era grande, e nós eramos meia duzia de gatos; pret, vistel-o? nem eu; o rancho era assim como quem diz só para se não morrer de fome. Que se lhe havia de fazer? Eu, o tempo que tinha livre, ia fazer recados e levar agua para a casa onde estivera a servir. Sempre assim arranjava algum vintem. Mas qual! A corneta estava sempre a cantarolar de noite e de dia, e muitas vezes tinha que largar o barril na fonte para ir pegar na espingarda, e saltar para os reductos. Em fim, lá nos iamos arranjando como podiamos, vae se não quando, chega o inglez que veiu com o Palmella, e logo toca a arranjar as mochilas para ir uma divisão, que se chamava assim por alcunha, porque ella a bem dizer nem chegava a ser uma brigada, e ála para o Algarve.

«O commandante, como v. s. ha de saber, era o marechal que morreu ha tempos, o sr. duque da Terceira, que então se chamava ainda conde de Villa-Flor.

«O meu batalhão foi nomeado tambem para marchar. Imagine os rios de lagrimas que foram lá por casa. A minha velha não me queria deixar sair, os pequenos e as pequenas escondiam-me a espingarda, para eu me não ir embora, e houve mosquitos por cordas para me poder safar, com o coração opprimido, devo confessal-o.

«A final parti. Desembarcámos no Algarve, atravessámos o Alemtejo nas bochechas do Molellos, fizemos em postas a gente do Telles Jordão alli na Cova da Piedade, e no dia seguinte entrámos em Lisboa, onde nos receberam de braços abertos. Fomos alguns dias uns Meninos-Jesus. A mim me encontrou um sujeito, que saíra da cadeia, e que não fôra a enforcar no dia mesmo em que nós entravamos em Cacilhas, por esquecimento. Encontrou-me á porta da casa d'elle, abraçou-me como se fosse cá este pobre diabo quem o tivesse tirado da cadeia; disse-me que fôra eu o primeiro soldado libertador que elle encontrára, e que por conseguinte havia de ir beber um copo de vinho ao seu feliz regresso para o seio da sua familia. Fui, e declaro-lhe que nunca vi uma alegria como a que mostraram o pae, a mãe e os irmãos d'aquelle pobre rapaz. Choravam, riam, beijavam-n'o, fallavam todos a um tempo, era assim a modo uma doidice que enternecia a gente.

«A mim trataram-me como se eu fosse de casa, regalaram-me com bons petiscos, e quando me fui embora, metteram-me nas mãos quatro pintos, que eu guardei n'um cinto, onde ia reunindo o dinheirito que economisava, para o entregar á velhita no fim da guerra, como com effeito fiz.

(Continua) M. PINHEIRO CHAGAS.

[1] Escuso de dizer que era esta a alcunha que os portuguezes davam ao general Loison.

---

## FRAGMENTOS DE UM ROTEIRO DE LISBOA (INÉDITO)

### ARRABALDES DE LISBOA

(Vid. pag. 371)

#### CHELAS, CHARNECA E CAMARATE

As pedras de que fallam as outras duas inscripções, e que se acham no claustro velho, são as seguintes: Uma pedra quadrada de alabastro, com um buraco oval no meio, e quatro mais pequenos nos cantos. É a que dizem ser a ara do fogo perpetuo.

Uma lapida grande de marmore, em fórma de painel, fazendo-lhe moldura caçadas de differentes animaes, ornadas e entremeiadas de folhagens, em bem acabado relevo. No centro tem seis figuras humanas de joelhos, com as mãos erguidas; e em logar mais alto outra figura que mostra estar sentada. Trajam vestidos talares, mas tem os rostos gastos de modo que se não distinguem feições. Poderão representar

vestaes adorando a sua divindade, ou em qualquer ceremonia do seu rito, diante da sua companheira mais velha e superiora, que se intitulava *Virgo Maxima*. Porém, seja o que for que representem, é, sem questão, uma esculptura de arte romana.

Estas pedras foram encontradas no mesmo claustro, fazendo-se n'elle excavações no decurso das obras, que se executaram no mosteiro em 1604.

Indo do claustro velho para a cêrca vêem-se mais estas pedras: uma de marmore branco, no meio da qual está esculpida uma grande cara com um olho fechado. Outra do mesmo marmore com duas figuras, uma d'ellas sentada e a outra em pé, e no meio um pequeno rosto.

Outra com quatro figuras, duas sentadas e duas em pé, tendo cada uma d'aquellas seu livro na mão, e caíndo-lhe dos hombros comprido manto. Do centro da pedra resalta uma grande cara.

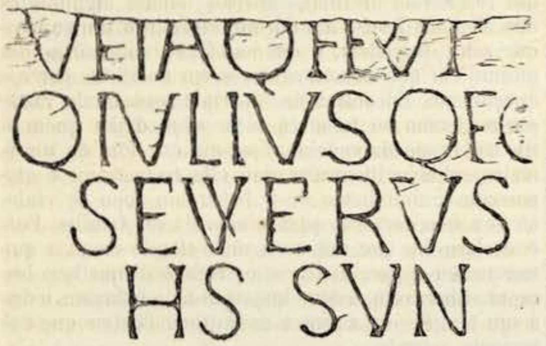
Outra pedra com esta inscripção:

*Era de* 300 *que este convento teve principio das vestaes* CCC.

Acharam-se estas pedras no dito anno, e no proprio logar em que presentemente se vêem.

O cippo de Julia Flaminea, a que allude a primeira das inscripções transcriptas, acha-se na parede do quintal da sacristia.

É uma pedra marmore de seis palmos de comprido e tres de largo; porém mostra estar partida, faltando-lhe algumas letras. Aqui lhe damos logar, conforme a copiou o nosso desenhador:




Posta por extenso deve ler-se, ao que parece, da seguinte maneira:

*Julia Quinti Filia Flamen Vestalis Julii, Quintus Julius Quinti Filius, Caius Severus Hic Sepulti Sunt.*

E em vulgar: Aqui estão sepultados Julia Flaminea, Vestal, filha de Quinto Julio, Quinto Julio filho de Quinto, e Caio Severo.

Faltam n'esta inscripção, por se acharem apagadas, a primeira letra do nome de *Julia*, e a ultima do verbo *sunt*. No fim da primeira linha tambem estão gastas uma ou duas letras.

Esta pedra foi achada tambem por occasião da reconstrucção do templo, no anno de 1604. Estava enterrada por traz da capella-mór, a pouca profundidade, e cobria uma sepultura, que os trabalhadores, por ignorancia, destruiram. Felizmente a prioreza D. Luiza de Noronha salvou de uma egual sorte aquelle cippo e os fragmentos da arte romana acima citados.

Estão embebidas nos muros do referido quintal da sacristia mais estes padrões da antiguidade: Uma lapida com uma inscripção composta de quatro linhas, mas com as letras tão gastas, que apenas se distinguem as do principio de cada linha. São d'este modo:

*Mac*..............
*N. et. I*...........
*O. Imp*...........
*Aug*..............

Do que se póde conjecturar á vista de tão poucas letras, parece ser memoria dedicada ao imperador Macrino (M. Opilio Severo Macrino), que empunhou o sceptro na era de Christo de 217, e que reinou um anno e dois mezes menos dois dias. Achou-se esta inscripção debaixo do altar-mór.

Uma pedra comprida, com lavores cavados na fórma que se vê na gravura n. 1 a pag. 381.

Pelo gosto do desenho, e por certa perfeição do trabalho, é inquestionavelmente obra dos romanos. Compõe-se o desenho de um gripho (cavallo alado com cabeça de gallo), e um pegaso (cavallo com azas), circundados de festões de folhagem que se cruzam nos intervallos. Este genero de ornatos era muito usado nos frisos dos edificios romanos, sobre tudo nos templos, alternando-se aquellas ou outras figuras em toda a extensão do friso. Umas vezes deixavam ficar os lavores simplesmente cavados, como se acham na pedra que a nossa dita gravura representa; outras vezes enchiam-n'os de uma massa negra com a qual imitavam obra mosaica. Parece-nos ser a referida pedra fragmento de intercolumnio, ou de outro qualquer ornamento collocado ao alto, attenta a posição dos dois animaes fabulosos que alli figuram. Pertencia provavelmente ao templo de Vesta.

Em uma parede do mesmo quintal está uma pedra com tres letras gothicas, da qual abaixo damos copia, e por cima, em bastante altura, acha-se outra pedra de fórma quadrada, resaltando da parede, e que não terá menos de metro e meio em cada face. É guarnecida de moldura e esquartelada, tendo em dois quadrados duas rosas ou florões, e nos outros dois um lavor espherico a modo de botão.



Afigura-se-nos ser peça do tecto de um peristylo. Todavia é esta pedra a que a inscripção que publicámos a pag. 376 chama *armas del-rei Wamba*. Segundo diz a mesma inscripção, a lapida que está por baixo d'aquella, é um cippo, e as tres letras gothicas são E. D. M., abbreviatura de *Era Domini Millia*, o que quer dizer em vulgar: Era do Senhor de mil.

Este cippo corrobora de algum modo a tradição de que o mosteiro de Chelas tornou a ser restaurado e habitado sob o dominio dos moiros, depois que estes reconquistaram Lisboa a D. Affonso Magno, rei de Leão e das Asturias, no seculo IX. Entretanto, se a tradição é verdadeira, deve-se suppor, pelas razões que expendemos em outro logar, que ao tempo da tomada de Lisboa por D. Affonso Henriques, no anno de 1147, não existia, ou não era habitado aquelle mosteiro, e a sua egreja achava-se convertida em mesquita.

A gravura n. 2, a pag. 381, representa uma pedra que está collocada na parede interior de uma casa de arrecadação contigua ao vestibulo da egreja. É, provavelmente, fragmento de um friso cujos lavores são em relêvo. A esculptura mostra ser menos perfeita do que a do outro fragmento em que apparecem o gripho e o pegaso; e por conseguinte de uma epocha de decadencia para as artes. Comtudo, cremos que é obra romana.

Póde julgar-se que o seria dos godos na reedificação do templo de Vesta, quando alli collocaram as reliquias de S. Felix e dos seus companheiros mar-

tyres no anno de 665. Os leões devorando palmas podem muito bem ser allegoria da morte triumphal dos mesmos santos, symbolisando as palmas o martyrio, e os leões os idolatras, crueis perseguidores do christianismo. N'este caso, a pedra não seria fragmento de um friso, porque não era admittido similhante genero de ornamento na architectura seguida pelos godos, os quaes abrangeram no mesmo odio e proscripção os romanos e as suas artes. Poderia ser, talvez, fragmento de uma das duas caixas de marmore em que estiveram depositadas primeiramente as santas reliquias. Porém em nossa opinião oppõe-se a esta conjectura o trabalho artistico do dito baixo-relêvo. Se por um lado revela decadencia na arte romana, é certo que por outro lado patenteia alguns dotes da perfeição que os artistas não possuiram sob o dominio dos godos, pelo menos que não se encontram nas esculpturas d'esse tempo. Referimo-nos a uma tal ou qual nobreza de fórmas que se vê nas figuras dos leões. Do que resta, em toda a Peninsula, d'este ramo da arte entre os godos, evidenceia-se o seu completo atrazo e absoluta ignorancia no desenho de figura, quer esta seja humana, quer de irracionaes. Este estado de barbaridade prolongou-se por alguns seculos, como é sabido, pois que já a architectura e a esculptura ornamental tinham feito notaveis progressos em nosso paiz, e ainda a estatuaria era, pela deformidade das figuras, a negação da arte.



N. 1

Além d'estas pedras que deixâmos mencionadas, descobriram-se outras por occasião da reedificação do mosteiro em 1604, que mostraram ainda com mais evidencia ter pertencido a um templo romano. Entre estas contavam-se algumas columnas corynthias, e as figuras de Juno, de Minerva e de outras divindades mythologicas. Infelizmente, parece que nada d'isto se conservou, por se acharem partidas as pedras em muitos pedaços, as quaes foram affeiçoadas a outras obras.

Deixando agora o mosteiro de Chelas, onde tanto nos demorámos, passaremos de corrida pelos logares da Charneca e Camarate para darmos fim a este longo capitulo dos arrabaldes de Lisboa.

A *Charneca* é um logar de 150 e tantos fogos, com uns 480 moradores, e uma egreja parochial consagrada a S. Bartholomeu, e fundada no anno de 1685. Fica ao norte do valle de Chelas, e a pouca distancia d'elle. É sitio de ares salubres e de boas quintas, d'entre as quaes sobresae, por sua grandeza e belleza, a do sr. visconde de Pereira. Tem um bello palacio e bonitos jardins. Foi feita nos principios d'este seculo pelo fallecido capitalista José Bento de Araujo; e muito melhorada e aformoseada por seu sobrinho e herdeiro, Joaquim Pereira da Costa, antigo director do banco de Portugal, tambem já fallecido, e pae do actual proprietario. O logar de *Camarate* dista de Lisboa uns 7 kilometros. Consta de 120 e tantos fogos com 430 almas aproximadamente. A egreja parochial é da invocação de S. Thiago. Começou por uma ermida fundada no terceiro quartel do seculo XIV, lançando a primeira pedra nos alicerces o bispo de Lisboa D. Agapito Colona, natural de Roma, e que governou a egreja ulyssiponense desde 1371 até 1380. Pertencia então o logar de Camarate á freguezia de Nossa Senhora da Purificação de Sacavem, da qual se desannexou no anno de 1511, erigindo-se em parochia a ermida de S. Thiago, que por essa occasião se reconstruiu e augmentou.

A povoação está edificada em terreno montuoso. Nada tem de notavel. Occupâmo-nos d'ella para deixar aqui consignada uma memoria historica que respeita a uma propriedade que se acha nos limites d'esta freguezia. Era essa propriedade até 1834 o *convento de*



N. 2

*Nossa Senhora do Soccorro*, de religiosos carmelitas calçados.

A cêrca d'este convento foi uma quinta do opulento judeu David Negro, almoxarife das alfandegas do reino em tempo del-rei D. Fernando, e privado d'este monarcha, e da rainha D. Leonor Telles.

Como David Negro, por morte del-rei D. Fernando, seguisse o partido de D. João I de Castella, foram-lhe confiscados para a coroa todos os bens, que eram muitos, por el-rei D. João I de Portugal, que desde logo fez doação d'elles ao condestavel D. Nuno Alvares Pereira. Passados alguns annos, fundou este inclito varão na quinta de Camarate, que fôra do dito David, uma ermida consagrada a Nossa Senhora do Soccorro, em agradecimento, e para memoria do auxilio que lhe prestára, dando-lhe esforço e coragem para vencer os inimigos do seu rei e da sua patria. A esta quinta ia muitas vezes o condestavel, e n'ella viveu algum tempo sua mãe, Eyria Gonçalves.

Fallecendo o santo condestavel nos habitos religiosos em o convento do Carmo de Lisboa, legou aquella quinta á ordem carmelitana. Esta instituiu na refe-

rida ermida, correndo o anno de 1602, uma vigairaria ou hospicio, que em 1608 passou a ser convento com seu prior. Pela extincção das ordens religiosas foi vendido o edificio do convento e cêrca, no anno de 1835.

I. DE VILHENA BARBOSA.

---

## LARGO DE S. ROQUE

(Conclusão. Vid. pag. 320)

Não nos admiremos de se ignorar quando foram edificados os antigos theatros de Lisboa, taes como o da rua das Arcas (ao Rocio) e o pateo [1] da Comedia ás Fangas da Farinha (Boa Hora), se o de S. Roque, que é dos nossos dias, tanto nos tem dado que buscar e perguntar, sem que ao certo possamos hoje affirmar quando alli se estabeleceu!

O sr. João dos Santos Matta, actual decano dos actores portuguezes, diz-nos que o novo theatro do bairro Alto (que assim se denominou o de S. Roque, para o differençar do que houvera no palacio arruinado do conde de Soure) se abríra pelos fins de 1815. Cyrillo Volkmar Machado, nas *Memorias dos Pintores*, refere simplesmente que Joaquim da Costa, pintor de architectura, fizera o theatro de S. Roque, pintando tambem o scenario, e Manuel Joaquim da Rocha o panno da embocadura.

Affirmou-nos tambem o actor Matta que Dionysio José Monteiro de Mendonça fôra o fundador d'aquelle theatro, ao que se oppõe o seguinte documento que temos á vista. É uma petição feita em 1836, á marqueza de Nisa, D. Eugenia, senhoria do palacio de S. Roque, n'estes termos:

«Diz Dionysio José Monteiro de Mendonça, que tendo um tal Roberto José de Mattos e mais socios estabelecido um pequeno theatro n'uma casa do palacio de v. exc., a S. Roque, com porta para o pateo do Patriarcha, o qual foi edificado com audiencia do procurador de v. exc. D. Pedro de Loureda; na boa fé concorreu o supplicante administrando algum dinheiro, que excedeu a mais de 2:000$000 réis, fóra aquelle que os ditos socios já tinham gasto.

Veiu, depois de concluido o theatro, a saber o supplicante que este fôra feito sem o pleno conhecimento de v. exc.; mas como havia gasto o melhor de 2:400$000 réis, o arrendatario e mais socios cederam no filho do supplicante, Henrique José Monteiro de Mendonça, para d'este modo salvarem a grande parte da grande despeza que na boa fé tinham feito. Falleceu o filho do supplicante, e por este motivo nada mais quiz o supplicante do dito theatro, muito mais sabendo que não era do agrado de v. exc.; e por isso em 1833, entregou a chave a um criado de v. exc., e até ao presente nada mais quiz o supplicante do theatro, apesar de se não achar indemnisado do dinheiro que para a sua factura deu.

E como o arrendatario se ausentou, e os socios nada querem do referido theatro, por isso pede a v. exc. a graça de mandar tomar conta de tudo que se compõe aquelle theatro, e fazer d'elle o uso que lhe parecer, perdoando a renda que se estiver a dever até ao presente, etc.» Esta petição está assignada, mas não datada.

A marqueza poz por despacho, que não queria renda de um estabelecimento que se tinha feito contra sua vontade; mas que o supplicante havia de demolir o theatro á sua custa, e remover d'alli tudo quanto a elle pertencesse. O que assim se fez logo.

Ora por este documento sabe-se quando o theatro de S. Roque se desfez, mas não quando se alli estabeleceu. E tambem que Dionysio déra dinheiro para a obra, mas que um tal Roberto José de Mattos havia sido o fundador.

N'esta duvida seguiremos as recordações do velho actor Matta, que diz ter-se aberto o novo theatro do Bairro Alto pelos fins de 1815, com uma companhia, na maior parte composta de curiosos, mas em que entravam os actores Antonio José Ferreira, Antonio Borges Garrido, e o carpinteiro machinista d'este novo theatro, Vicente Romano, que já tinha representado em theatros particulares. A primeira dama d'esta companhia foi a celebre comica Barbara Maria Candida Leal, que ainda vimos representar no theatro de D. Maria II.

Poeta dramatico (traductor), director e ensaiador, foi Francisco de Paula Nolasco, que engenhava peças para os theatros com acceitação.

Poucos mezes depois da abertura d'este theatro falleceu a rainha mãe (D. Maria I), a 20 de março de 1816, pelo que os theatros se fecharam por um anno, que tanto durava o lucto pelos soberanos n'aquelle tempo!

Em 1817 abriu-se novamente o theatro de S. Roque, com melhor companhia, entrando para primeiro galan João dos Santos Matta, que então começava em publico a sua carreira dramatica.

No carnaval de 1818 passou esta companhia a reunir-se com a do theatro do Salitre, formando uma sociedade que durou dois annos.

Passou então a trabalhar no theatro de S. Roque uma companhia hespanhola, que representava zarzuelas, e dava bailados á castelhana, o que attrahia grande concurrencia.

Em 1820 voltou para S. Roque a companhia que se tinha ido juntar á do Salitre, reforçada com alguns actores da rua dos condes, entre elles Sebastião José Ambrosine, sendo director e ensaiador o galan Matta.

Tendo-se reformado o theatro nacional da rua dos Condes para festejar o juramento da constituição de 1820, reuniu-se áquella companhia a do Bairro Alto; e este theatro foi alugado a outra companhia hespanhola, que alli deu várias récitas.

No annuncio que a empreza da rua dos Condes faz d'esta juncção, diz que aquelle theatro era o unico em Lisboa onde se representava na lingua materna.

Somos chegados á epocha verdadeiramente memoravel da breve historia do novo theatro do Bairro Alto. É o dia 29 de setembro de 1821, em que alli foi representada pela primeira vez o *Catão*, tragedia original do restaurador da scena portugueza.

Foi representada por curiosos, quasi todos estudantes de Coimbra, em que entrava o auctor, que recitou maravilhosamente o prologo. Almeida Garrett tinha então vinte e dois annos. Figura elegante, voz sonora, aprazivel dicção, physionomia sympathica e expressiva, todos os dotes, em fim, do perfeito actor, lhe deram a palma sobre quantos o acompanharam n'esta sua estreia scenica.

Quando pela primeira vez se imprimiu o *Catão* (em 1822), poz-lhe Garrett a seguinte nota, por onde se vê que elle o compoz expressamente para esta representação particular no theatro de S. Roque.

Diz a nota:

«A sociedade de curiosos que primeiro a levou á scena, e que tantos applausos lhe grangeou do mais escolhido publico que ainda se juntou em theatro portuguez, recebia, pouco e pouco, as porções da tragedia ao passo que se ia compondo; e todos os membros d'essa sociedade presenciaram quantas vezes se compunha na vespera o que no outro dia se tinha de ensaiar».

[1] Assim se chamava aos theatros, porque eram descobertos, ou apenas toldados, em razão de se representar de tarde.

Bluteau, no *Vocabulario*, diz: *Pateo da Comedia*. Segundo Suetonio, *Popularia* queria dizer o logar onde se sentava o povo para ver as comedias e outros espectaculos representados no theatro; e assim responde *popularia* ao que em Lisboa chamam *pateo* da comedia.

Em Hespanha, ainda no seculo passado chamavam aos theatros *corrales*.

N'esta mesma noite se representou, depois da tragedia, uma farça, tambem de Garrett, intitulada o *Corcunda por Amor*, que saiu com o *Catão* impresso em 1822, mas que o auctor supprimiu nas subsequentes edições.

Por algum tempo esteve o theatro de S. Roque sem companhia permanente, servindo de vez em quando para representações particulares, para espectaculos de physica recreativa e outros. Até que em 1823 foi alli estabelecer-se uma companhia franceza.

Tem-se dito que a primeira companhia que veiu a Lisboa fôra esta que esteve em S. Roque no anno de 1823. Não é exacto, porque de um cartaz que temos presente consta que em 1821 representava no theatro do Salitre uma companhia franceza, de que era director e actor um mr. Jourdain.

Suppomos porém que foi esta mesma que passou para S. Roque. O que é certo é que no *Diario do Governo* de 2 de janeiro de 1823, se publicou o seguinte annuncio:

«Abertura do theatro do Bairro Alto — *Companhia franceza*.

«Sabbado 4 de janeiro de 1823, se representará *La Femme jalouse*, comedia em 5 actos, e em versos, de Deforges, que será seguida de uma segunda representação do *Mari et l'Amant*, comedia nova em 1 acto e em prosa, de mr. Vial.

«O theatro do Bairro Alto está muito augmentado, e pintado de novo com muita elegancia, e disposto de maneira que o publico esteja sentado com a maior commodidade possivel».

Ha outro annuncio ou cartaz d'esta companhia franceza, que não deixa de ser curioso, para vermos que são mais antigos do que se julga, em Lisboa, os bailes de mascaras, e pelo dobro do preço de hoje.

Eil-o:

*Theatro francez no Bairro Alto*

«À imitação dos bailes que se costumam dar n'esta estação de carnaval em França, Italia e mais paizes civilisados, haverá no dito theatro, nas noites de sabbado 8, domingo 9, segunda feira 10, e terça feira 11 de fevereiro, *Grand Bal Masque et Paré* (baile de mascarada e de apparato, etc.). A platéa será posta ao nivel da scena: a sala será adornada e muito illuminada. Preço de entrada por uma pessoa 960 réis. Cada camarote com cuja chave se receberão quatro bilhetes, de uma pessoa cada um, e que servirão para a entrada na porta principal, 4$800 réis. As pessoas que estiverem em camarotes, podem egualmente passeiar por todas as partes do edificio. Adverte-se tambem que para a commodidade do publico se encontrará, por preços commodos, no mesmo theatro, fatos e tudo quanto é necessario para se mascarar, tendo-se preparados quartos para esse fim. Haverá egualmente casas de refrescos dentro do edificio, e as providencias são tomadas a fim de que a maior decencia reine n'este divertimento.»

Não foi muito feliz esta primeira companhia franceza, como se vê por este ultimo annuncio:

*Theatro francez*

«Os actores francezes, depois das severas perdas que tem soffrido, reunir-se-hão mais uma vez para darem quatro ultimas representações, das quaes a primeira será a beneficio de m.<sup>elle</sup> Beaupré e mr. Derourère; a segunda a beneficio de m.<sup>elle</sup> Alphonsine, e de mr. Jourdain; a terceira a beneficio de mr. Izidore Bolly, e de mr. Stephany; e a quarta a beneficio de m.<sup>elle</sup> Boisservoise, e mr. Lecouvreur. Estas representações constarão das peças seguintes:

«*Rico ou le Marquis par qui pro quo;* o *Triumpho da Virtude; Fénelon*, ou as *Religiosas de Cambraia*, drama sagrado, e *Patron Jean* ou o *Pescador portuguez*, vaudeville novo; o *Naufragio sobre as costas de Hespanha*, ou o *Habitante de Guadalupe*, comedia moral, e o *Dia do baptisado ou o Padrinho*, comedia; o drama intitulado *Pedro* I ou o *Marceneiro de Airomé*, e os *Coraçoes generosos*, ou o *Soldado polaco*, vaudeville. Todas estas peças só contém principios de moral, de religião e de virtude. Estas representações se effeituarão por meio de uma subscripção cujas condições são as seguintes: A subscripção só será para estas quatro representações. O preço de cada camarote para todas as quatro representações é de 6$000 réis, e o da platéa para as mesmas quatro noites é de 1$440 réis. Poder-se-ha immediatamente subscrever para este effeito no mesmo theatro de S. Roque. A primeira representação terá logar no dia 9 de março (1823), e as outras seguidamente».

É com estas ultimas récitas se acabou o theatro francez em Lisboa; e só passados treze annos, no de 1836, é que veiu a companhia de Emilio Doux para o theatro da rua dos Condes.

Isto é o que por ora temos averiguado, a respeito da epocha em que entre nós se representou na lingua franceza, mas já lemos, não nos recordâmos onde, que no tempo do marquez de Pombal estivera em Lisboa uma companhia franceza.

Alludiria a isso um dos interlocutores da comedia de Manuel de Figueiredo intitulada: *Os censores do theatro*, quando diz — que no anno de 1776 havia em Lisboa, além do nacional (rua dos condes), *dois theatros estrangeiros*, fóra o espectulo real (a opera no theatro regio da Ajuda)?

Algum dos *dois estrangeiros* era francez, ou ambos eram hespanhoes?

Na mesma peça ha o seguinte dialogo:

*Emprezario* — Isso que ahi está no pateo (platéa) é povo enfeitado, que vem unicamente para dizer que esteve na *comedia franceza*, como dizem que estiveram na italiana.

*Ginja* — Pois eu sou mais povo que o mesmo povo; choro ainda hoje pelas comedias da rua das Arcas. Lá pilhei esta gotta de bem rapaz; morava alli ao pé do Nicola, e com o bocado na boca ia sempre para o pateo ganhar o ferrolho; e assim fazia para os Presepios e operas de bonecos da Mouraria, e por fim para o Bairro Alto. Sempre fui visinho dos theatros. E tinha tanto incommodo para ouvir as asneiras que alli se diziam antes de se principiar a comedia ou presepio. Isso é que era comedia! O que se mettia a bulha! Nem uma só pessoa entrava sem ser apupada, fosse quem fosse.

*Abbate* — E levaram isso de *victor amigos*, e de boa feição, os portuguezes d'esse tempo?

*Ginja* — Qual! Havia espadas arrancadas, e succediam seu par de desgraças muito boas; mas a gente de tudo se ria.

As ultimas fallas são preciosas, por nos transmittirem taes noticias do que era o theatro entre nós no meiado do seculo antecedente ao nosso; mas as primeiras, entre o *Emprezario* e o *Ginja*, referir-se-hão a alguma companhia que n'esse tempo (1776) estivesse em Lisboa?

Póde ser que o averiguemos quando publicarmos o resultado das investigações que estamos fazendo a respeito dos outros theatros da capital, para o que acabâmos de receber valiosos subsidios, que o velho e infeliz actor Matta escreveu durante a convalescença da grave enfermidade que ha pouco o accommetteu, e que veiu sobrepesar-lhe ainda mais os seus cançados 75 annos!

Em 1827 esteve no theatro de S. Roque uma companhia ingleza, que deu várias récitas na sua lingua, e nos intervallos dança hespanhola, em que entrava o fundador da *dynastia* dos Serrates, que durou até ha poucos annos.

Esta mesma companhia dava tambem espectaculos de sombrinhas e titeres *(marionnettes)*, visualidades, etc., com a denominação de *noites pittorescas*.

Pouca frequencia devia ter em Lisboa o theatro inglez; e suppomos que pelo motivo de se achar n'esta capital a divisão do general Clinton, durante a regencia da serenissima infanta D. Isabel Maria, é que veiu tal companhia para distrahir os ocios da divisão britannica.

Desde então nunca mais serviu o theatro de S. Roque para representações dramaticas, senão de curiosos que o obtinham ou alugavam por algumas noites.

Em 1833 entregou o arrendatario ou fiador a chave á senhoria, como já dissemos; e em 1836 foi desmanchado.

O moderno theatro do Bairro Alto era pequeno; comtudo tinha duas ordens de camarotes, ao todo vinte e quatro, e uma varanda corrida por cima da segunda ordem, porque a sala tinha grande altura. Havia platéa superior e platéa geral. O palco era pequeno, mas como para o lado da calçada lhe ficava um andar por baixo, deram-se alli espectaculos com muito machinismo, ou tramoias, como então lhe chamavam.

No andar que havia sob a platéa, e no qual por muitos annos residiu o negociante de livros antigos, Antonio Henriques, morou e falleceu Francisco Coelho de Figueiredo, editor do *Theatro* de seu irmão, Manuel de Figueiredo. Queixando-se Francisco Coelho do depravado gosto do publico pelos espectaculos de visualidades e machinismos, diz n'uma das notas (a que elle chama *tumores)* que fez ao t. XIV do referido *Theatro*, que os visinhos de cima lhe quebravam a cabeça com o estrondo das tramoias.

Quando se desmanchou o theatro de S. Roque, foi a sala alugada ao pintor de carruagens Domingos Antonio Matheus. E finalmente, em 1854, tendo a Companhia de carruagens Lisbonense comprado o dominio util do palacio dos marquezes de Nisa á sra. viuva Caldas, comprehendendo o pateo do Patriarcha, para onde dava a entrada do antigo theatro, na sala que foi dos espectaculos faz hoje a companhia cocheira para recolher as carruagens que andam em serviço.

Eis o destino que veiu a ter o theatro onde representaram portuguezes, francezes, inglezes e hespanhoes; e no qual se deu a primeira peça escripta por Almeida Garrett, em que elle proprio foi actor, e onde primeiro recebeu os applausos com que o publico até hoje o tem victoriado como restaurador da scena portugueza!

Sendo expulsos de Portugal os jesuitas, em 1759, e ficando devoluta a casa professa de S. Roque, o marquez de Pombal a destinou para alli se estabelecer a santa casa da Misericordia, em 1768, onde se tem conservado até ao presente, fazendo-se no antigo edificio muitas accommodações para o seu destino, e annexando-se-lhe modernamente novas construcções, com o que se acha hoje em estado de se considerar como um dos mais bem ordenados estabelecimentos caritativos da capital, e administrado com todo o zêlo e intelligencia.

O templo foi ultimamente restaurado, assim como os numerosos quadros que ornam a egreja e sacristia.

Não foi ávante o projecto da vereação municipal de 1837, que era fazer um mercado de flores no largo de S. Roque, para cujo fim mandára demolir a torre de Alvaro Paes [1], e as barracas que pejavam aquelle largo. Ignorâmos o motivo.

Quando em 1854 a Companhia de carruagens Lisbonense comprou o palacio da casa de Nisa, como já dissemos, obrigou-se a demolir o resto da muralha e os casebres do pateo do Patriarcha, para construir, com frontaria para o largo de S. Roque, um predio de boa perspectiva. Mas como o presidente da direcção da companhia era tambem presidente da camara municipal, e o foi até fallecer, no anno passado, não cumpriu nunca a clausula a que, por escriptura publica, se obrigou por parte da referida companhia, e até agora tem estado aquelle largo affrontado com ascorosas ruinas e entulho do antigo palacio, o que é uma vergonha para a cidade, e um depoimento publico do desleixo, ou antes da escandalosa conveniencia das vereações que desde então tem administrado o municipio!

[1] A lapida a que nos referimos em o n. 39 ainda se conserva no resto da muralha, transferindo-a o seu actual proprietario para o lado do jardim, e por isso não se vê da rua, como dissemos.

Ultimamente, querendo a colonia italiana residente em Lisboa perpetuar n'um monumento publico a data do consorcio de sua magestade el-rei D. Luiz com a excelsa princeza D. Maria Pia de Saboya, filha de Victor Manuel, rei de Italia, elegeu entre si uma commissão composta dos srs. conde Bobone, consul da sua nação; dr. Brignoli; Cinatti; Rambois; Ripamonti e Bianchi, os quaes escolheram o largo de S. Roque para alli inaugurarem, no dia anniversario de tão auspicioso consorcio, 6 de outubro de 1864, um padrão commemorativo da nova alliança e da confraternidade entre os dois povos.

O padrão, que bem visivel está na gravura que démos do largo de S. Roque [1], não póde ser mais desgracioso nem mais amesquinhado. E custa a comprehender como a nação rainha das bellas artes soffra que os seus naturaes tenham na corte de Lisboa similhante monumento!

Compõe-se este padrão de uma columna da ordem composita, coroada por um festão em fórma de medalha, na qual se lêem as seguintes inscripções.

Na face de oéste:

PEL FAUSTO CONSORZIO
DELLE LORO MAESTÀ
IL RE DON LUIGI DI PORTUGALLO
E LA PRINCIPESSA MARIA PIA DI SAVOIA
A' DI 6 OTTOBRE 1862
NUOVO PEGNO DI FRATELLANZA
FRA I DUE POPOLI

---

GLI ITALIANI RESIDENTI IN LISBONNA
ERESSERO

Na face de léste:

PELO FAUSTO CONSORCIO
DE SUAS MAGESTADES
EL-REI D. LUIZ I DE PORTUGAL
E A PRINCEZA MARIA PIA DE SABOYA
EM 6 DE OUTUBRO DE 1862
NOVO PENHOR DE FRATERNIDADE
ENTRE OS DOIS POVOS

---

OS ITALIANOS RESIDENTES EM LISBOA
ERIGIRAM

Esta memoria, se não prima como obra de arte, é todavia mui grata aos portuguezes, como homenagem prestada pela grande nação italiana ao fausto consorcio do nosso augusto monarcha, e testimunho perduravel da confraternidade que a nova alliança radicou entre os dois povos.

A. DA SILVA TULLIO.

[1] Vid. o n. 39.